

FAZENDAS DA FAMÍLIA JUNQUEIRA

*José Fernando Cedeño de Barros **

A Família Junqueira, é clã cujos componentes, em sua grande maioria, dedicam-se precipuamente às lides agro-pecuárias e ao qual pertencemos através de nossas avós Judith Ribeiro de Barros e Maria Isabel de Lima, ambas trinetas do Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira, primeiro Vereador da Vila Franca do Imperador, hoje a próspera cidade de Franca, no Estado de São Paulo, que, no ano de 1994, completou 170 anos de existência.

1. FAZENDA SANTO INÁCIO

O tronco de que procede o Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira, o casal Alferes Gabriel de Souza Diniz e Maria Francisca da Encarnação Junqueira, foi senhor da Fazenda Santo Inácio, inventariada na Comarca de São João Del Rei em 1822, pelo casal João José de Carvalho e Helena Fausta Diniz Junqueira (1). Pouco se sabe acerca da história dessa Fazenda, mas consta que a Santo Inácio tinha 45.000 alqueires de terras e integrou o espólio dos supra referidos João José e Helena Fausta, cujas propriedades espalhavam-se pela região de Barretos até Uberaba. De qualquer sorte, merece menção, porque, seguramente, constitui marco indicador da riqueza dos Junqueiras no Sul do Brasil, ainda em princípios do século passado, demonstrando que quando o primeiro Junqueira veio de Portugal para o Brasil trazia consigo grossos cabedais e que deveria ter boa linhagem, uma vez que a segunda geração de Junqueiras mantinha estreito contacto com a Família Bragança, incluindo a Imperatriz Dona Leopoldina.

2. FAZENDA TRAITUBA

A Fazenda Traituba dispõe de uma sede magnífica, construída por volta de 1827, para hospedar o Imperador D. Pedro I. Lá estivemos em 23 de outubro de 1981, por ocasião dos festejos concernentes aos 220 anos da benção da capela de São José do Favacho, quando pudemos apreciar a solidez e a beleza do casarão.

O prédio sofreu uma grande reforma, perdendo os andares superiores, atacados por cupim, continuando muito imponente, todavia.

A casa-grande possui, entre inúmeros outros, um quarto denominado "das núpcias", outrora dedicado aos recém-casados da Família, mobiliado com uma larga cama de dossel, com embutidos na madeira representando pássaros. Conta a lenda que o sacerdote encarregado das cerimônias religiosas e confissões da Família, por ocasião de suas estadas na Traituba, indagado do cômodo de sua preferência, sempre optava pelo quarto das núpcias...

A "Traituba" possuiu larga margem de terrenos cultiváveis, além de matas naturais. É que os Junqueiras, amigos da caça, procuravam preservar os bosques e áreas densamente arborizadas, fazendo com que se conservassem espécies preciosas da fauna e da flora do Brasil, em suas propriedades.

3. FAZENDAS EM RIBEIRÃO PRETO

Em Ribeirão Preto, onde se estabeleceu o casal Luiz Antonio de Souza Diniz e Ana Claudina Diniz Junqueira (irmã do Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira), destacaram-se: a Fazenda da Serra, do benemérito casal Coronel Quito - D. Sinhá Junqueira; a Fazenda Brejinho, de D. Anita Procópio e a Pau Alto, de D. Iria Alves Ferreira Junqueira, a "Rainha do Café".

Em 1913, a Fazenda Pau Alto já contava com iluminação elétrica, água corrente e esgoto. Tornou-se famosa pelo rumoroso caso de homicídio ocorrido na fronteira com a Fazenda do Espraiado, de João Sabino.

Duas antigas moradoras de Ribeirão Preto, muito jovens na época do triste evento, recordam-se tanto de D. Iria, quanto da Fazenda, notando que ambas eram belas, mas com um não-sei-o que de sinistro ...

Conta Madre Maria da Encarnação Martins, da Ordem das Irmãs Ursulinas, e vinculada às mais gradas famílias do local, que um dia, na Fazenda de seu tio João Sabino, perto de um riacho, fazendo fronteira com a Pau Alto, encontraram um corpo horrivelmente mutilado e com a língua arrancada pelo pescoço. O corpo tinha inúmeros orifícios, semelhantes a furos de bala, mas que poderiam ter sido causados pelas formigas saúvas, que abundavam no local.

Nunca se descobriu quem teria sido a vítima, mas surgiu a incrível história de que se cuidava do "francês", namorado da filha mais nova de D. Iria...

Paulo Duarte deslinda a questão, favoravelmente para D. Iria, em seu oitavo volume de "Memórias", editadas pela Hucitec, de São Paulo.

Em depoimento ao autor destas linhas, em 1982, D. Lucilla Uchoa Junqueira, neta de D. Iria, recorda com muita emoção a figura de sua avó. Segundo D. Lucilla, D. Iria era uma senhora boníssima, espírito caridoso, mulher trabalhadora e de ânimo reto. Tendo ficado viúva muito jovem (do Coronel Luiz da Cunha Diniz Junqueira, monarquista convicto), sofreu muitas perseguições, porque era muito rica e muito bonita.

D. Lucilla contou-nos que sua avó era muito clara, de olhos azuis e cabelos louros, com um tipo de holandesa, certamente herança de alguma de suas antepassadas, oriundas daquele simpático país.

Na verdade, o "crime do Espraiado" foi usado como arma contra o P.R.P. (Partido Republicano Paulista), pois D. Iria era mãe do Dr. Francisco da Cunha Junqueira e cunhada do Coronel Quinzinho da Cunha, bem como tia por afinidade do Dr. Altino Arantes, todos baluartes do Partido na região da Mojiana. Em virtude do escândalo, veiculado da forma mais baixa possível pelo periódico "O Parafuso", de responsabilidade do mulato "Gabi" de Andrade, esses notáveis políticos sofreram um certo abalo no seu prestígio. A nobre D. Iria, por sua vez, chegou a ser conduzida presa para S. Paulo, ficando trancafiada em cela especial. Finalmente, foi absolvida, mas repleta de desgostos e de amargura, velha e doente, deixou-se ficar em São Paulo, onde morreu logo depois de sua soltura.

4. FAZENDAS DE JUNQUEIRAS E A FUNDAÇÃO DE CIDADES

D. Zenaide Martins de Andrade Machado, trineta do Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira, possuiu as Fazendas denominadas "Pedregulho" e "Santa Cruz", em Atibaia. Sua filha, Lucy de Andrade Machado, foi senhora da Fazenda Porangaba (Lugar Bonito, em tupi-

guarani), na Flórida Paulista, com cerca de 1080 alqueires, e da Estância Porã, em Onda Verde, dedicando-se à criação de cavalos da raça Mangalarga, destacando-se de seu plantel o garanhão *Flamboyant*.

Pioneira e fiel herdeira das tradições familiares, atualmente possui terras em Araguaína, no pico de Goiás, divisa com o Maranhão, levando civilização àquelas glebas perdidas do Brasil. Lá vicejam as Fazendas "Alegria" e "Nova morada", administradas por seus filhos, Paulo e Raul Sampaio de Almeida Prado (2).

Este impulso civilizador é antigo entre os Junqueiras: Juiz de Fora, Poços de Caldas, Três Pontas, Luiz Antonio, Orlândia, Junqueirópolis, Andradina, São José da Bela Vista, S. José do morro Agudo, Nuporanga (Campo Formoso em tupi-guarani), Cafelândia, Ipuã, são frutos das expansões bandeirantes dos Junqueiras, vindos da distante e lendária Aiuruóca, nas Alterosas, romântica pátria de Thomaz Antonio Gonzaga e de "Marília", sua doce musa ...

O gosto pela vida rural é atávico entre os Junqueiras e os Ribeiros do Valle cujos membros são, antes de tudo, homens do campo.

Paulo Setúbal exprime bem o sentimento da Família pela terra:

"Com que sincera emoção,
 Eu, dando rédea ao cavalo,
 Margeio este fundo valo,
 - Caminho do meu torrão!
 Tudo no ar, festa e brilho!
 E é com a alma a vibrar,
 Que eu canto as roças de milho,
 Por este sinuoso trilho
 Que à minha terra vai dar

 "Na mata, de quando em quando,
 Soa o trilar dos nambus,
 Os pintassilgos, em bando,
 As frondes sonorizando
 Gorjeiam em plena luz!
 E eu sigo ... Vou enlevado
 Nesta poeira sem fim.
 Bem sinto, de lado a lado,
 Que um trecho do meu passado
 Em tudo ri para mim!
 Quem há, aí, que compreenda
 Minha brusca, alta emoção,
 Ao ver, ao longe, a fazenda,
 Com sua chata vivenda,
 Surgir no azul do espigão?"

Dessarte, mesmo residindo em suntuosos solares, nas cidades, os Junqueiras não temem arrostar os sertões e desfrutam de horta e de pomar, geralmente preparados por suas próprias mãos. Nossa tia, Genoveva Martins Ribeiro, discorrendo sobre as mulheres da Família, contou-nos que sua mãe, Rita Porphiria, estava apta a atuar "desde a horta até o salão"

Para os homens, como para as mulheres, sem descurar dos requintes da educação, campo, cavalo e cachorro, eis o trinômio que caracteriza o Junqueira de lei.

5. FAZENDAS FRANCANAS

Uma das grandes fazendas na região de Franca (Alta Mojiana), pertencente, ainda hoje, à Família, é a Fazenda Marfim, onde se cultiva o café, apesar de tudo ... A propriedade, revelando o capricho de sua atual proprietária, é toda plantada de ipês brancos.

A formosa propriedade pertenceu, inicialmente, a Melchiades de Souza Meirelles, casado com nossa tia-bisavó Joaquina Cândida Ribeiro Meirelles. Hoje pertence ao casal Desembargador José Frederico Marques (falecido em 1994) e Maria do Carmo Ribeiro Meirelles Marques.

Sua casa grande, seus campos e matas foram retratados à perfeição pelo grande pintor francano Cariolato (3).

Tio Melchiades, como o chamamos em família, foi um homem muito bom, religioso e amigo dos parentes. Levantava-se, todos os dias, às quatro da manhã, fazia suas orações e, depois, levava, pessoalmente, o café para os hóspedes que frequentavam sua casa (4).

Naqueles bons tempos, os parentes viviam muito próximos e reinava constante harmonia na numerosa família. Grupos de primos, desde muito cedo, formavam tropas à cavalo e saíam a passear pelos extensos cafezais e pelos bosques, percorrendo num só dia grande extensão de terras.

As Fazendas eram, então, muito extensas, considerando-se "Fazenda" somente a propriedade rural com mais de 100 alqueires paulistas. O resto era sítio, chácara, invernada.

Não vamos falar mais da "Marfim". Vamos, ainda, convencer nosso primo, Frederico Roberto Meirelles Marques, a escrever um artigo sobre as terras de seus avós.

Podemos citar, na região de Franca, além da "Marfim", a Fazenda Alegria, que pertenceu ao Coronel André Martins de Andrade, cuja esposa e prima, Rita Porphiria Villela de Andrade, era bisneta do Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira. Pertenceu, por sucessão, ao casal Dr. Jonas Deocleciano Ribeiro - D. Genoveva Martins de Andrade.

Dr. Jonas Deocleciano Ribeiro nasceu na Fazenda "Cachoeira do Mico", em Santa Rita do Passa Quatro, em 13 de dezembro de 1880, filho de Francisco Deocleciano Ribeiro - um dos fundadores de Santa Rita do Passa Quatro - e de Anna Candida Vieira; neto paterno de Inácio Ribeiro do Valle - também fundador de Santa Rita do Passa Quatro - e de Joaquina Cândida Vieira da Fonseca; neto materno do Capitão Manoel Custódio Vieira e de Umbelina Honória de Andrade Diniz Junqueira, filha esta do Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira.

Dr. Jonas fez os estudos básicos no Seminário Episcopal, e depois, formou-se em Medicina na Escola da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, doutorando-se, com distinção, em 1904. Infelizmente, sua mãe faleceu pouco antes de ter a alegria de abraçar o filho "doutor".

Casou-se em primeiras núpcias com Anna de Lima Guimarães, filha de Álvaro de Lima Guimarães Filho, tendo com ela três filhos: Ivan, falecido em tenra idade, Newton e Anna Maria Pia de Lima Ribeiro. Viúvo em 1911, casou-se pela segunda vez com D. Genoveva Martins de Andrade, tendo três filhos: o Major Aviador Clóvis Martins Ribeiro, falecido durante a 2ª Guerra Mundial, a Professora Doutora Maria da Conceição Martins Ribeiro e Branca, falecida criança.

Dr. Jonas foi o pioneiro na introdução do gado *nelore* no Brasil. Destacou-se, ainda, por dedicar-se aos problemas políticos que envolvem a

atividade agro-pecuária. Incentivou e promoveu o jogo de polo na Franca, ao lado do sobrinho e amigo Dr. Brenno Lima Palma.

Como médico, tendo feito vários cursos de especialização na Europa, principalmente na Alemanha, foi um dos mais notáveis de Franca, no ano de 1912, cuidando desveladamente dos pobres negros vítimas da varíola. Foi, ainda, Presidente da Câmara Municipal de Franca, trabalhando decisivamente pelo progresso daquela bela cidade.

Nos últimos anos, dedicou-se à poesia, publicando três livros de versos que tiveram excelente acolhida pela crítica.

Faleceu em São Paulo em 1972, estando sepultado no Jazigo da Família, em Franca.

Vamos citar, embora brevemente, o Engenho da Serra, de nosso bisavô Thomaz Monteiro de Lima que, já no início do século, dedicava-se ao plantio da cana, a Usina Santa Eugênia, de nossa bisavó Maria Umbelina Junqueira Ribeiro Vieira, também dedicada ao plantio da cana, a Fazenda Santa Emília, com duas majestosas sedes, de propriedade de Arthur Ribeiro Vieira, espoliada pelos getulistas, e a Fazenda Monte Belo, desmembrada da enorme sesmaria francana do Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira. A "Monte Bello" pertenceu à sua filha, Maria Zimilla de Andrade, casada com o Capitão Francisco Antonio da Costa, depois, passou à sua neta, Anna Candida de Andrade (tia Sinhaninha), casada com Isaac Villela de Andrade. Hoje, pertence à Maria Amélia Villela Rosa Junqueira, casada com Roberto de Rezende Junqueira, ex-prefeito de S. Joaquim da Barra.

A sede, vetusto e belo casarão tipicamente brasileiro, parece que está em péssimo estado de conservação, segundo pudemos observar através de fotos em poder de Anna Maria Thereza Villela de Lima. Mereceria maior cuidado, não só pelo valor histórico, mas por ser um dos últimos, talvez o único remanescente direto dos bens pertencentes ao nosso antepassado, aqui citado inúmeras vezes, Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira.

6. FAZENDA SANTA CRUZ

A Fazenda Santa Cruz, em Jaguariúna, pertenceu a José Theodoro de Lima, influente político e abastado agricultor em Campinas, falecido a 16 de março de 1938. Era filho de Gabriel Theodoro de Lima e de Gabriela Cândida de Andrade Junqueira, neta, por sua vez, do já mencionado Capitão mor Francisco Antonio.

Este Gabriel Theodoro foi proprietário da Fazenda Cascata, em Batatais, com 380 alqueires de terras e 140 mil pés de café (em 1920), tendo falecido a 15 de fevereiro de 1930. Era filho de José Theodoro de Lima e de Maria Theodora de Jesus Ferreira da Rosa.

José Theodoro (o neto), casou-se com sua prima, Rita Villela de Andrade, filha de Isaac Villela (Papai velho) e de Anna Candida de Andrade (Mamãe Velha). Rita (Vó Rita), faleceu em 1967. Recordamo-nos dela com muitas saudades e carinho, pois sempre recepcionou-nos muito bem em sua bela casa em Campinas, regalando-nos com uma geléia deliciosa, que nunca mais consegui provar igual, e com roupas feitas por ela mesma. Gostávamos muito, também, de seu genro, o médico Hélio Rocha Nunes, que nos fazia rolar de rir com suas piadas.

Mas, voltemos à Santa Cruz. Possui grande fábrica de tijolos (inativa) e excelente sede, com dependências típicas das casas antigas,

como o quarto de fazer queijo, com sua mesa de mármore, suas alcovas, sem janelas, e seus "quartos de banho". No entanto, conta com piscina, quadras de tênis e de vôlei, entre outras concessões à época contemporânea.

No dia 29 de junho de 1980, a Fazenda Santa Cruz engalanou-se para comemorar as festas de Santo Antonio, S. Pedro e S. João, bem como em razão do natalício de Ana Maria Ponce de Lima, neta do casal José Theodoro - Rita.

No meio do terreiro de café (que não vê mais grão de café, infelizmente) elevou-se uma fogueira, à iluminar o "poste dos Santos", cercado de velas coloridas, levadas pelos convidados em festiva procissão, orientada pelos festeiros locais, tudo isso alegrado por três tocadores e cantadores sertanejos.

A quadrilha foi "marcada" por Maria Zélia Villela de Lima Soares Hungria, tendo terminado bastante confusa e divertida. Os jovens dançarinos não entenderam o requintado francês da condutora das danças ... Abundaram, é claro, o quentão, vinho quente, churrasco de frango, de carne e de peixe e diversos e deliciosos doces típicos de festas juninas.

7. A FAZENDA AUXILIADORA, "Vovô Tio Zezé" e o Café francano

"Contemplando essas árvores, no infindo sentimento de vida
em que se inflamam,
Penso que também sentem, também amam,
Quando vão florescendo e produzindo"

Da Costa e Silva - poesias

"Vovô Tio Zezé" (5), como todo bom patriarca, gerou nove filhos, dos quais somente um não alcançou a idade adulta.

José Esteves de Andrade, Coronel da Guarda Nacional, foi um homem singular: simples, ligado à terra, cioso da nobre linhagem de que descendia. Educou os filhos para enfrentar a vida, adivinhando os dias difíceis que viriam.

Não era estimado pelos sobrinhos. Tinha fama de avarento e de egoísta.

Segundo seus bisnetos, no entanto, era homem boníssimo, inteligente, amante de tocar violão, de conversar, de amar os filhos, netos e bisnetos.

Foi, juntamente com Monsenhor Candido Martins da Silveira Roza e um grupo de abnegados fazendeiros, o fundador da bela cidade de S. José da Bela Vista, no Estado de São Paulo.

Contam seus bisnetos (6) que a disciplina imposta por Vovô Tio Zezé era tão férrea que, para exercitar a obediência, durante as refeições submetia filhos e netos à seguinte prova:

"- Fulano - dizia ele a um de seus filhos - quer doce de abóbora ou goiabada?"

E o filho:

"- Goiabada, pai ...

" - Pois então - respondia - vai comer doce de abóbora!"

Mais tarde, para ludibriarem o pai, respondiam à pergunta solicitando o doce que não queriam, de forma a saborear a sobremesa predileta e, assim, logravam enganar o Coronel José Esteves, até que este percebeu e, muito ladino, fez a pergunta costumeira:

"- Quer doce de leite ou goiabada?

" - Doce de leite, respondia a vítima, que apreciava goiabada.

" - Pois, então, vai comer doce de leite mesmo, siô!"

O consórcio com sua prima, Francisca Carolina Villela de Andrade, descendente de uma das lendárias Três Ilhoas, deu origem ao apelido curioso. E aí vai a explicação: o casal costumava se tratar por "Primo José" e "Prima Francisca", sendo avós e tios, concomitantemente, de seus netos, em virtude do complicado parentesco que os casamentos consangüíneos, muito comuns naqueles velhos tempos, originavam. Daí os apelidos de "Vovô Tio Zezé" e "Vovó Tia Chica", que receberam. É de se destacar que o apelido é um dos hábitos mais arraigados entre os Junqueiras. Praticamente ninguém se conhece pelo nome oficial. Assim, dentre um dos casos mais curiosos, podemos citar o de "Nenê Junqueira Franco", que, na verdade, foi registrado como Jesus Lemos de Toledo ...

Segundo pesquisa realizada pelo Desembargador Humberto de Andrade Junqueira, a nós comunicada por sua irmã, D. Carminha Junqueira Gomide, o nome predileto dos Junqueiras é o de Francisco, naturalmente em homenagem ao Patriarca João Francisco. Em seguida, abundam os Josés e os Antonios, apelidados como Zé, Zezé, Zezico, Juca, Juquinha, Tonico, Toninho, etc.

Mas voltando ao Coronel José Esteves, este possuiu muitas fazendas na região da Franca. Consta que seu pai era um excelente fazendeiro e ótimo negociante, aproveitando-se, porém, dos apuros dos parentes para fazer bons negócios. Assim, é que o Capitão Francisco Antonio da Costa teria adquirido por preço de banana o quinhão hereditário das filhas de Umbelina Honoria de Andrade Diniz Junqueira, sua cunhada, que faleceu muito moça, pois morreu em 1855, com apenas trinta e três anos de idade. Entre suas filhas, espoliadas pelo tio e cunhado Francisco Vieira, estava nossa trisavó, Margarida Umbelina Vieira de Andrade (Miminha).

Entre as fazendas de José Esteves merecem menção duas delas: a Fazenda S. José da Bela Vista e a Fazenda Nossa Senhora Auxiliadora.

A primeira delas foi palco de nossas brincadeiras e travessuras infantis. Era uma das melhores da região e enorme. Coube ao Coronel José Esteves por herança de sua irmã, Theolina, que morreu leprosa e seu nome não consta do livro "Memórias e Tradições da Família Junqueira", de Frederico de Barros Brotero. Soubemos de sua existência por intermédio de nossas primas, Isaura e Othilia Villela Conrado, filhas de tia Sinhaninha. Segundo elas, tia Theolina foi casada com o primo, João Marcílio de Andrade Diniz, filho do Capitão José de Andrade Diniz Junqueira e de Ana Junqueira. Esta Ana pertence a um ramo extinto da Família Junqueira, constituído pelo casal João Francisco Diniz Junqueira e Ana Hipólita Villela, de Aiuruóca, filha do Alferes Domingos Villela e de Luiza Pulquéria dos Reis. João Marcílio e Theolina (ou Theolinda ou Theodolinda), não deixaram descendência.

Isaura e Othilia noticiaram ao autor destas linhas que quem cuidou de Theolina, leprosa, teria sido sua mãe, Anna Candida de Andrade, casada

com Isaac Villela de Andrade, tendo, naturalmente, sofrido grandes trabalhos e risco de contaminação. Contava ficar com a Fazenda Bela Vista. No entanto, no curso do Inventário, "Vovô Tio Zezé" veio a ficar com todos os bens da irmã.

Consta, ainda, que um outro irmão de José Esteves teria morrido leproso: o Capitão Manoel Antonio da Costa, casado com Dorothea Claudina Pereira Villela. Como existisse uma dívida entre "Vovô Tio Zezé" e o irmão doente, o primeiro ia, religiosamente, buscar seu dinheiro, pago mensalmente, mas exigia que o pagamento fosse feito em moedas, para que pudesse desinfetá-las com fogo. No entanto, o temor da lepra não impedia o Coronel de cobrar a dívida pessoalmente ...

A outra Fazenda merece um capítulo especial.

7.1- A FAZENDA INVERNADA E O MILAGRE DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA (7)

Inicialmente chamava-se "Invernada" a Fazenda de Vovô Tio Zezé, tendo este nome porque era destinada a engorda de gado. Situava-se (e ainda continua) na cidadezinha de Restinga, muito próximo de Franca, em região mais elevada e, portanto, sujeita a geadas, o que a desvalorizava, em que pese a excelência de suas terras fertilíssimas.

Coube a propriedade, por sucessão, ao casal Olívia de Andrade (Sinhá) e Azarias Martins Ferreira (Lica), não tendo uma produção significativa de café, pelas razões acima apontadas. Possuía uma sede simples, conforme foto em poder de Lucy de Andrade Machado.

Decidido e inteligente, tio Lica, como era carinhosamente apelidado em família o Dr. Azarias Martins Ferreira, propôs-se a "fazer" a Fazenda, plantando milhares de pés de café.

O fazendeiro foi bastante criticado. Tia Sinhá, preocupada, fez uma promessa. Se a plantação não se perdesse, construiria uma capelinha sob a invocação da Virgem, onde seria solenemente entronizada sua imagem, levada em procissão que partiria, a pé, da Fazenda até a cidade de Franca.

Pouco depois de ter efetuado essa promessa, tia Sinhá sonhou que a Virgem lhe aparecia e confortava-a, dizendo-lhe que a Fazenda daria muitas riquezas e alegrias à família. No sonho, aparecia-lhe, ainda, um homem desconhecido que lhe oferecia um quadro de Nossa Senhora, para comprar.

Passaram-se alguns dias e não é que surge na varanda da casa o homem do sonho portando o quadro da Santa!?

Tia Sinhá, impressionada, comprou a gravura e desconhecendo sob que invocação o artista retratara Maria, procurou um sacerdote que, tendo examinado a obra, assegurou-lhe tratar-se de Nossa Senhora Auxiliadora.

Pois bem, isto tudo se passou na primeira década deste século. Pouco depois, despontava o ano de 1918.

O fatídico ano assim foi descrito por Altino Arantes:

"Incalculáveis foram os danos causados pela geada de junho de 1918, mas por honra nossa, nem por isso esmoreceu a energia criadora dos que lutaram neste Estado e que os poderes públicos jamais deixaram de estimular e amparar".

A enorme geada de 24 de junho de 1918 atingiu duramente os cafezais e, de imediato, deu-se violenta alta de preços, afetando principalmente a lavoura paulista.

O Dr. Altino Arantes, à época Presidente do Estado de S. Paulo, enviou mensagens ao Congresso Paulista, participando a extensão do desastre, desfalcando o maior patrimônio do Brasil, atingindo, inclusive, as plantações de cana, mamona, algodão, além de arruinar as pastagens de criação e de engorda de gado.

A Fazenda Invernada, por se situar em região mais alta, como ficou dito acima, estava mais sujeita ao flagelo da geada. Neste trágico ano de 1918, tio Lica, logo ao amanhecer, olhou pela janela da sala de jantar e pode observar seus cafezais brancos de neve. "Estou perdido!", exclamou.

Tomou, no entanto, de um cavalo e foi percorrer as suas plantações, como de costume, ansioso por avaliar a extensão do desastre. E qual não foi a sua surpresa ao ver que a geada não prejudicara o café, "apenas queimara as orelhinhas das folhas dos pés de café" (8).

Com isto, tio Lica, feita a colheita, logrou apurar considerável lucro, origem de sua grande fortuna.

O fato foi tido e havido por milagroso.

Fiel à sua promessa, tia Sinhá realizou a procissão, de que resta uma foto. Entre os participantes, pudemos identificar, carregando o andor da Virgem, nosso tio-bisavô Melchiades de Souza Meirelles.

Tia Sinhá fez mais. Entronizou, solenemente, a gravura retratando Maria, a mesma do sonho, na principal sala da casa, alterando o nome da propriedade de "Invernada" para o de "Nossa Senhora Auxiliadora", celebrando, daí em diante, com grandes festas, o dia 24 de maio.

Posteriormente, tio Lica construiu uma linda casa, com quarenta cômodos. Dedicou-se, desveladamente, à cafeicultura, desempenhou ativo papel na política federal e introduziu o cultivo da amoreira em S. Paulo, para sua fazenda trazendo imigrantes japoneses. Faleceu em 1934, deixando vivas saudades.

Com a morte de tio Lica, tia Sinhá passou por momentos de inquietude, uma vez que o mercado cafeeiro ainda se ressentia do "crack" de 1929. Contou, no entanto, com a ajuda inestimável de seu sobrinho e futuro herdeiro, Laercio Andrade.

Em decorrência da crise do café, consta que tia Sinhá adquiriu o hábito de ouvir, todo o santo dia, no final da tarde, a "Voz do Brasil", para obter notícias oficiais concernentes à cotação do café no País e no Exterior, costume execrado por suas jovens sobrinhas, mais interessadas em ouvir músicas e rádio-novelas, então em grande voga.

7.2- A "AUXILIADORA" E O CAFÉ

A Fazenda continua próspera e sua sede permanece majestosa e repleta das alfaías cuidadosamente adquiridas por tio Lica na Europa.

Na penumbra sonolenta do arrebol divisa-se o suntuoso casarão, que tantas recordações desperta: o jardim de rosas, cultivado por nossa bisavó, Maria Ozilla (de Andrade) Monteiro de Lima (9), o pomar antigo, com suas goiabeiras centenárias, com grossos troncos arrastando-se pelo chão, o solar cercado pela varanda sombreada pelo enorme pé de ficus-benjamim, os salões confortáveis e mobiliados com apuro, o escritório, com seus sofás de couro, que exalavam característico e delicioso cheiro,

repleto de livros preciosos, muitos com dedicatórias de seus autores ao amigo "Dr. Lica", a sala de jantar, com sua mobília, transportada em navio da Europa para cá, a porcelana cinza e dourada de Limoges, a pesada prataria marcada com as iniciais "AMF", enfim, os estábulos e até chiqueiros e galinheiros feitos com madeira nobre, porque naquele tempo o café permitia qualquer extravagância.

"É esse café - rei destronado, burguês recuperado ou proletário desanimado - que o caboclo de nossas fazendas canta, declama ou comenta em suas horas de trabalho ou de lazer: a crise, os baixos salários, a falta de chuva, a malícia do trabalhador, seus problemas, aflições e "defesas" (10).

É esse café que fez de São Paulo e de sua aristocracia cafeicultora a máquina dirigente do Brasil. É esse mesmo café que vai elevar as Famílias Junqueira e Ribeiro do Valle aos mais altos postos na política, no comércio, na agricultura, nas artes e nas letras.

" - Café! Café! Queremos ouro ou café! Trocamos por café as nossas mercadorias!" (11)

É ainda esse café, nas suas crises, que vai arruinar fazendeiros dedicados, sem piedade.

Sem a exuberância dos cafezais, fazendas e cidades foram se estiolando. Primeiro, o vale do Paraíba, cuja lenta agonia foi magistralmente descrita por Monteiro Lobato em "Urupês", depois, a Mojiana, que só não sucumbiu porque o café foi substituído pela cana. Mas esta não convive com a poesia e a tradição. Do café que fez da Franca a Atenas da Mojiana e de Ribeirão Preto centro internacional, só nos restam lembranças fugidias, fotos amarelecidas pelo tempo e um olhar apreensivo de simpatia e pena daqueles fazendeiros que insistem no plantio da rubiácea.

O poeta Paulo Bonfim canta os antigos esplendores do café:

"A Cidade respira no passado
 Uma revoada de beirais
 Pousa no sono dos que partiram.
 Nas varandas da brisa surge um Lundu.
 Cafezais fantasmas coroam seus Barões.
 As mucamas suspiram novamente:
 Bananal aporta na eternidade
 Tripulada de sobrados,
 As fazendas naufragam na distância.
 Oh Saudades!"

NOTAS:

(1) Helena Fausta era filha do Alferes Gabriel de Souza Diniz e de Maria Francisca da Encarnação, filha esta do Patriarca da Família no Sul do Brasil, **João Francisco Junqueira**.

(2) As Fazendas "Alegria" e "Nova morada" não mais pertencem a Lucy de Andrade Machado. Todavia, seu filho caçula, Rubens Sampaio de Almeida Prado, continua a tradição da Família, mantendo propriedade rural e, adequando-se aos tempos modernos, produz e apresenta interessante

programa sobre pescaria, aos domingos, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

(3) Quadros pertencentes, atualmente, a José Olavo Ribeiro Meirelles.

(4) Depoimento ao autor, em 1983, das filhas de Melchiades, Blandina (Sinházinha) e Margarida (Margaridinha) Meirelles.

(5) O Coronel José Esteves de Andrade era filho do Capitão Francisco Antonio da Costa e de Maria Zimilla de Andrade; neto paterno do Capitão João da Costa Lourenço e de Ana Vitória de Jesus Garcia Duarte; neto materno do Capitão mor Francisco Antonio Diniz Junqueira e de Mariana Constança de Andrade. Casou-se com sua prima, Francisca Carolina Villela de Andrade, filha de Fernando Villela dos Reis e de Rita Porphiria de Andrade. Esta Rita era filha de Tomé Inácio Botelho, casado a 07 de fevereiro de 1798 com Emerenciana Constança de Andrade, falecida a 01 de outubro de 1865; neta paterna do Capitão Francisco Inácio Botelho e de Maria Teresa de Toledo, citada em **SL**, volume 5, pág. 448; neta materna do Licenciado Jeronymo de Andrade Brito e de Maria de Souza Monteiro. O Licenciado Jeronymo de Andrade Brito era filho de Antonio de Brito Peixoto, natural de Braga, e de Maria de Moraes Ribeiro, filha esta do Capitão André do Valle Ribeiro (1713-1763) e de Tereza de Moraes, tronco da Família **Ribeiro do Valle**. O casal José Esteves- Francisca Carolina teve: 1. Maria Ozilla (Maricota), nossa bisavó, casada com Thomaz Monteiro de Lima, pais da filha (única) Maria Isabel de Lima (Filhinha), casada, em 1918, com Salvador Cedeño Galiano. 2. Rita Porphiria (Ritinha), casada com seu primo irmão, Coronel André Martins de Andrade. Com numerosa descendência. 3. Olívia (Sinhá), casada com seu primo irmão Dr. Azarias Martins Ferreira (Lica), irmão de André. Sem geração. 4. José Esteves de Andrade Junior (Juca), casado com sua prima, Maria Inácia Martins Ferreira, neta do Barão da Franca, Tenente-Coronel José Garcia Duarte, e de sua primeira esposa, Anna Bernardes Junqueira (que não alcançou o título de Baronesa, portado por Maria Amélia de Vassimon, sua segunda esposa). Com geração. 5. Fernando Junqueira de Andrade (ou Villela de Andrade, de acordo com placa existente em seu túmulo, em Franca), faleceu solteiro, sem descendência conhecida. 6. Augusta, morreu criança. 7. Theolinda (ou Theolina), casou-se com seu primo Benôni Diniz Junqueira, com geração. 8. Ethelvina, casada com Luiz Baptista Junior, prefeito de Ribeirão Preto em 1909. Com geração. 9. Augusto Esteves de Andrade (tio Gusto), casado com sua prima, Theodosia de Andrade Ribeiro, filha de Manoel Joaquim Ribeiro e de Margarida Umbelina Vieira de Andrade. Tiveram onze filhos. O Coronel José Esteves faleceu em 1917 e está sepultado no Jazigo da Família Andrade, em Franca.

(6) Notícia transmitida ao autor por Ignez Cedeño de Lima Barros e por Lucy de Andrade Machado, bisnetas do Coronel José Esteves.

(7) Notícia transmitida ao autor por Maria Thereza Ribeiro de Andrade, atual proprietária da Fazenda N.S^a Auxiliadora. Maria Thereza é casada com Laercio Andrade, seu primo irmão, neto do Coronel José Esteves.

(8) O Dr. Azarias Martins Ferreira formou-se em Arquitetura na Universidade de Liège, na Bélgica. Depois de casado, residiu por três anos no Porto do Havre, na França, exercendo a profissão de comissário de café.

(9) Dalva Ribeiro de Andrade Lessa retratou, em magnífica tela, nossa bisavó Maria Ozilla, cultivando seu jardim de rosas brancas, existente na Fazenda Auxiliadora, onde morreu. Este quadro pertence à coleção da Professora Ignez Cedeño de Lima Barros.

(10) Conforme Marina de Andrade Marconi, *in* "Folclore do Café", Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, S. Paulo, 1976.

(11) Conforme Basílio de Magalhães, *in* "O Café na história, no folclore e nas belas-artes", Brasiliana, volume 174, 3^a edição, Companhia Editora Nacional- Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, S. Paulo, 1989, pág. 261, *in fine*.

Esta crônica de família vai oferecida à memória do casal Dr. Jonas Deocleciano Ribeiro - D. Genoveva Martins Ribeiro, à minha Mãe, para Paulo Brant da Silva Carvalho e Maria Inês Barros Brant Carvalho, para minha tia Lucy de Andrade Machado, recordando as férias na Porangaba e na Estância Porã e ao meu amigo Guilherme Chaves Sant'Anna, para que se anime a publicar a história dos Couto Rosa.

* O autor é sócio fundador da ASBRAP, Mestre em Direito pela Universidade de São Paulo (USP) e Sócio efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro (IGB).